

## UNIDADE 2 – 22/07/2016

**O CORPO DO EDUCADOR VISTO COMO UMA LITERATURA MENOR**

O presente texto propõe como tema a ser problematizado se o educador/recreador infantil pode auxiliar o desenvolvimento da criança, utilizando também seu corpo como referência. Para ampliar sua discussão, não se partiu de algum pensador ligado diretamente à pedagogia, mas, sim, de dois importantes filósofos que contribuem direta ou indiretamente com a educação. O interesse na questão filosófica é estudar o corpo do educador como mediador do processo de ensino.

Neste sentido, queremos discutir a expressão “literatura menor”, termo cunhado por Gilles Deleuze e Felix Guattari. Esta terminologia foi utilizada como argumento para analisar e discutir a obra de Franz Kafka – um judeu tcheco que, impossibilitado de escrever na sua própria língua, o faz em alemão, pois sua cidade, Praga, estava sob ocupação alemã.

Nesta perspectiva, uma literatura menor torna-se uma questão política: trata-se de ser um estrangeiro em sua própria língua (Deleuze, 1992). Portanto, está associado a um devir minoritário que investiga alternativas para outra forma de literatura, outra forma de escrita.

Segundo Silvio Gallo, “a literatura maior não se esforça por estabelecer elos, cadeias, agenciamentos, mas sim para desconectar os elos, para territorializar-se no sistema das tradições a qualquer preço e a toda força.” (p. 64, 2008). A palavra “menor” colocada aqui significa estar aquém da palavra de ordem, e localizada fora das imagens impostas por um sistema instituído.

Acredita-se que falta ao educador/recreador, em alguns momentos de relação corporal com a criança, o movimento de interrogação, de procura, que leva à vivência de experiências corporais fundamentais para se ter um bom encontro entre o corpo da criança e do adulto.

A comunicação infantil se dá através do corpo, seu gesto, seus movimentos. Deste modo, cabe questionar se, no espaço da Educação Infantil, pode o corpo do educador/recreador ser usado também como mediador e catalisador dos sentimentos, afetos e questionamentos das crianças.

Responder a essa questão não é simples, não é breve, e é de grande relevância, fomentar novas possibilidades em que o corpo do adulto também possa ser ressignificado a cada instante diante da criança e de suas ações. Então, nos concentraremos na idéia de que a criança, na primeira infância, apresenta ações corporais que envolvem atenção, percepção, memória e raciocínio. Em

## UNIDADE 2 – 22/07/2016

contrapartida, percebe-se a dificuldade de elaborar os seus sentimentos com clareza através da linguagem oral, que se apresenta pouco estruturada, segundo o código formal da língua.

Segundo Vygotsky, o mundo é um conjunto de símbolos, e são estes que possibilitam a inserção no universo cultural, uma vez que, gradativamente, as imagens mentais passam a ser representadas a partir de um sistema simbólico: a linguagem.

Assim, utilizando um pensamento vygotkiano, o que se verifica na fala da criança é uma “fala sem pensamento”, uma “comunicação sem linguagem”. É importante observar que a criança ainda está construindo uma referência objetiva, ou seja, uma relação exata entre a palavra e o objeto. Assim, tanto a palavra dita ou ouvida pela criança não tem uma referência objetiva estável, pois ela ainda não está separada dos gestos, das entonações, das ações. Bem aos poucos, a referência objetiva vai se desenvolvendo.

A infância apresenta metáforas, mitologias próprias, momentos lúdicos que se revelam diante de um espaço indefinido, encontrado antes do saber científico do adulto – um universo imaginário que se apresenta rompendo os limites usuais. À medida que as crianças vão brincando, usam uma linguagem própria através do *mimetismo*, e, poetizam “o desejo de ser nas coisas”, segundo o poeta Manoel de Barros. A infância traz em si a mania de animar coisas como pedras, sucatas e caixas de papelão. As crianças brincam com a seriedade e sisudez dos sentidos, mudam os significados de lugar... As crianças encontram-se em lugares indefinidos, onde características humanas, animais e minerais fundem-se (M. Barros, 2003).

As crianças têm as suas especificidades e se relacionam com o mundo do adulto de forma muito peculiar. As perguntas feitas e construções de diálogos revelam novos pontos de vista e dão vida ao ato de pesquisar, trazendo um significado novo à cultura contemporânea. Por isso, a minha pesquisa acerca do corpo do adulto diante das manifestações “fantásticas” do corpo da criança.

Estou considerando que, ao falar sobre o corpo, não estou pensando num corpo visceral, das atitudes cotidianas, mas num corpo afetado pelos sentimentos que nos movem, que nos deixam tristes e alegres. Um corpo que pulsa, que comunica, que traz em si o seu passado como um presente vivido, presente de experiências que acompanham o corpo do adulto. Ele é construído e constituído através de outros corpos, da interação do que foi categorizado, de forma ruim, boa, diferente. Trazemos marcas nele: educação e suas marcas (positivas e/ou negativas), interrogações, desejos, mágoas, alegrias e tristezas. É desse corpo enquanto essência que estou falando, não do corpo disciplinado, do corpo máquina, mas do corpo animado.

## UNIDADE 2 – 22/07/2016

É importante desenvolver o conceito de um corpo reterritorializado pela literatura dos mestres, um corpo maior que promove um mito informativo. Desejo refletir, então, se o corpo do educador infantil está esquecido, pois a pedagogia, como literatura maior, diz que o brincar é necessário para a criança, embora na prática cotidiana de sala de aula o lúdico seja pouco pensado enquanto forma de desenvolvimento global ou fonte de conhecimento. A criança tem seu corpo desterritorializado, livre, somente com seu sentido próprio e suas metáforas, e apresenta-se com um discurso próprio, um “discurso menor”, onde seu corpo é sua língua, sua fala.

A criança procura no educador um encontro para “dizer-lhe” algo corporalmente que só cabe a ela sentir. O corpo do educador/recriador, entretanto, está tão inserido numa língua maior, na língua do mestre que, na maioria das vezes, não sustenta a investida do corpo da criança. A saída que o educador encontra é uma expressão verbal de um juízo, que não acolhe a criança, criando uma enunciação coletiva que define a carência infantil como “manha”. Felizmente, a grande parte das crianças retorna ao seu dever, volta ao seu mundo, aquele cujo brincar tenta entender o mundo exterior, criando linhas de fuga, procurando sua linguagem corporal vista enquanto menor.

Esta minha problematização é uma questão inserida numa literatura menor, uma literatura que provoca e traz questões tão íntimas que ainda não foi suficientemente discutida no meio acadêmico; foi apenas comentada, falada, mas não territorializada. Ainda é uma questão que merece uma reflexão mais apurada sobre seus pressupostos.

Investigar e discutir a relação entre o corpo do educador – que se apresenta como uma literatura menor no interior da linguagem instituída e que se constitui não só pelo conhecimento adquirido em sua formação acadêmica, mas também e principalmente pela sua história de vida, que se impõe como base de suas relações – e o corpo da criança de zero a três anos – que responde ao mundo interno e externo através do seu corpo e da sua linguagem muito própria – é o objetivo de nossa reflexão.

Assim, este trabalho pode ser visto simultaneamente como um acontecimento novo entre o mundo da criança e o do pesquisador/educador.

## UNIDADE 2 – 22/07/2016

## Referências bibliográficas

- BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro, Record, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O guardador de águas*. 2 ed. Rio de Janeiro, Record, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro, Salamandra, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio fotográficos*. Rio de Janeiro, Record, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Memórias inventadas, a infância*. São Paulo, Planeta, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Memórias inventadas, a segunda infância*. São Paulo, Planeta, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka, por uma literatura menor*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- \_\_\_\_\_; GUATTARI, Félix. *Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. Rio de Janeiro, 34, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir, nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 36 ed. Petrópolis, Vozes, 1996.
- GALLO, Sílvio. *Deleuze e a educação*. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.
- GUIMARÃES, Daniela. Na creche, o cuidado como ética, caminhos para o diálogo com bebês. In: KRAMER, Sonia (org.). *Retratos de um desafio: crianças e adultos na educação infantil*. São Paulo, Ática, 2009.
- MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Trad.: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte, UFMG, 2002.